

## TROUXESTES A CHAVE? DESVENDANDO OS MODOS DE LER DOS LEITORES ADOLESCENTES

KOSCHIER, JAQUELINE THIES DA CRUZ.<sup>1</sup>  
PERES, ELIANE.

<sup>1</sup> PPG-FAE UFPEL - jaqueline.koschier@hotmail.com

<sup>2</sup> PPG - FAE UFPEL - eteperes@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Com o propósito de ampliar a comunidade leitora em nossa escola, criamos, em 2012, o projeto Diário de Leitura, o qual promove a formação leitora e a reflexão crítica acerca dos textos literários, sejam eles canônicos ou não. Trata-se de um projeto desenvolvido no Ensino Médio, tais experiências, transformaram-se em dados de pesquisa da tese de doutorando, em andamento no PPGE da FAE/UFPel, por mim desenvolvida.

Os diários podem ser classificados como um dos gêneros da literatura autobiográfica nos quais o sujeito registra suas vivências e sentimentos acerca de sua relação com a sociedade, constituindo-se como um testemunho do cotidiano. Os Diários de Leitura propostos aos nossos alunos têm caráter informal e íntimo, pois os sujeitos gozam de liberdade para expressar seus sentimentos pessoais e suas percepções literárias acerca da obra escolhida. Considerando que a maioria das leituras se dá devido a exigências escolares, é importante pensarmos sobre o papel da escola e do professor na formação literária de seus alunos e da comunidade que os cerca, pois como afirma Cossen (2009):

A literatura [...] é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (...) (COSSON, 2009, p.17)

Seguindo a metodologia embasada na perspectiva de letramento literário<sup>1</sup>, com métodos para se trabalhar a literatura no âmbito escolar a fim de solidificar a aprendizagem da mesma. Nesse sentido, entendemos que a leitura, sobretudo a literária, vai muito além da concepção estética ou psicolinguística, uma vez que permite aos leitores que se "vejam" nos textos lidos e possam tecer suas próprias (re)significações como sujeitos históricos do meio em que atuam.

Tal reflexão aponta para duas questões fundamentais para quem estuda a leitura: de que maneira as ações de leitura se constituem como um bem cultural e de que maneira a escola contribui para o alargamento social da leitura, sobretudo, a leitura literária. Por ser a escola a instituição responsável, oficialmente, pelo letramento e pela difusão da Literatura e por entender que a leitura literária compreende não só as práticas de leitura, mas também a difusão dos bens culturais que nos cercam, acreditamos que ela (a escola) ocupa ainda uma posição definidora para a consagração ou para o esquecimento dos textos literários, sejam eles pertencentes ao cânone ou não.

Ainda considerando a relevância da leitura e seus modos de ler, enquanto prática social, lemos em Chartier que:

<sup>1</sup> Para este trabalho utilizamos o conceito proposto por COSSON, R. disponível em: <http://www.glossarioceale.com.br/verbetes/letramento-literario>.

Com efeito, podemos definir como relevante à produção de textos as senhas explícitas e implícitas, que um autor inscreve em sua obra afim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção. Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido. Elas reposam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão; empregar toda uma panóplia de técnicas, narrativas ou poéticas, que, como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantindo a boa leitura. (CHARTIER, 1996, p.95-96).

Os protocolos de leitura impostos pelo autor e recebidos pelo leitor são mutáveis em detrimento dos contextos sócio-culturais vivenciados nas comunidades leitoras. Assim sendo, uma pedagogia com vistas à ampliação da leitura e, sobretudo, ao letramento literário, pois uma vez que o leitor adquira novas experiências daquilo que ainda não viveu na vida real, mas participou via ficção, ele estará mais apto a refletir acerca de suas atividades concretas que formas sua práxis cotidiana.

Dessa forma, o trabalho com os Diários de Leitura revela não somente alguns percursos da recepção literária das narrativas ficcionais escolhidas pelos alunos, como também registra, enquanto gênero textual, o enriquecedor diálogo entre professor e aluno, pois como ressalta Machado:

Assim, caracterizada a produção do diário de leituras como uma “conversa” com o autor do texto, ele se constitui como um texto de características dialógicas acentuadas, uma vez que não só institui um diálogo entre leitor e autor, mas também favorece o despertar do aluno para o dialogismo existente entre diferentes discursos verbais e não verbais que nos constituem, rompendo barreiras estanques entre diferentes domínios de conhecimento. Em síntese, ele leva os alunos a desenvolverem, por meio da escrita, diferentes operações de linguagem que leitores maduros naturalmente realizam, quando se encontram em situação de leitura. (MACHADO, p. 65).

Alguns diários tornaram-se famosos devido às circunstâncias histórias de sua produção, todavia, os Diários produzidos pelos alunos participantes do projeto não têm a pretensão de se tornarem produtos literários, mas são extremamente importantes enquanto instrumentos pedagógicos e, agora, como dados de pesquisa sobre recepção literária. Neles encontramos registros não apenas acerca da recepção da obra literária como também seus sentimentos em relação à leitura e à escola, hábitos e rotinas cotidianas que se mostram relevantes para o estudo das práticas e dos modos de ler.

## 2. METODOLOGIA

Os Diários de Leitura são uma experiência de sala de aula, fazendo parte do processo avaliativo, logo todos os alunos participam dessa prática de formação leitora. A fim de melhor sistematizar o estudo acerca dos processos e dos protocolos de leitura realizados pelos sujeitos-leitores há a exigência de que todos os diários apresentem a mesma estrutura: utilizar caderno escolar do tipo pequeno (para melhor manuseio), tendo a seguinte estrutura:

- a) Foto da capa do livro escolhido;
- b) Foto do autor do livro, com pequenos dados biográficos;
- c) Motivo da escolha;

- d) Dados pessoais do sujeito-leitor;
- e) Registro da leitura (são exigidos, no mínimo, 10 registros por livro lido) com data, horário, número de páginas lidas e impressões/comentários acerca da leitura realizada;

Os alunos têm cerca de três meses para a realização do diário<sup>2</sup>, durante este período, eles devem trazê-lo para à escola em datas previamente acordadas entre as partes. Ao final da etapa letiva, dá-se a entrega definitiva do diário.

Atualmente, com a posse de mais de uma centena de diários, produzidos pelos alunos nos anos de 2013 e 2014, estamos fazendo o processo de catalogação dos mesmos, a fim de melhor observar os aspectos estudados na pesquisa.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a primeira experiência, em 2012, foram reunidos e agora catalogados cem (100) diários, sendo 82 de leitoras e 18 de leitores. As idades dos sujeitos-leitores são, em média, de 15 a 19 anos. Nos cem Diários estudados, o autor mais escolhido, entre os textos de leitura livre (81 textos), foi o estadunidense John Green (**A culpa é das estrelas** [9]), com 14 leitores, seguido por Nicholas Sparks (**Meu querido John** [5]), com 13. Já entre os textos canônicos (19 leituras), o mais lido foi Machado de Assis, com 9 leitores. Ambos os autores preferidos pela maioria dos sujeitos-leitores (Green e Sparks) têm como característica principal tratar de situações dramáticas que, em geral, envolvem a morte dos protagonistas. Tal fato pode encontrar eco nas palavras de Yolanda Reyes (2012):

Especialmente nos tempos difíceis, a literatura ajuda a processar aquilo que não se pode suportar na vida real e permite ir avançando lentamente na interpretação: aventurar-se mais longe, mais longe [...] Estou falando do poder da literatura para rebobinar a vida, como a rebobinamos nos sonhos, para contarmos algo sobre nós mesmos que não é fácil ver em horas de vigília, que tem que ser decantado por outros caminhos: no mundo simbólico. (REYES, 2012, p. 82-83).

Os diários podem ser classificados como um dos gêneros da literatura autobiográfica nos quais o sujeito registra suas vivências e sentimentos acerca de sua relação com a sociedade, constituindo-se como um testemunho do cotidiano. Os Diários de Leitura propostos aos nossos alunos têm caráter informal e íntimo, pois os sujeitos gozam de liberdade para expressar seus sentimentos pessoais e suas percepções literárias acerca da obra escolhida. A composição estrutural, definida pelo professor, proporciona a presença de dêiticos (elementos linguísticos, cuja referência é determinada pelo contexto, indicando pessoa, tempo e lugar) que ajudam a delimitar os modos de ler e a apreensão das práticas de leitura.

Dessa forma, acreditamos que o trabalho com os Diários de Leitura proporciona, de um lado, o acompanhamento dos protocolos de leitura e das práticas de leitura utilizadas pelos alunos-leitores. Por outro lado, também podemos analisar as relações dialógicas presentes nos diálogos entre o aluno-leitor e o professor. Portanto, tal pesquisa mostra-se muito relevante para o campo da Educação e da Leitura.

### 4. CONCLUSÕES

<sup>2</sup> Período referente às etapas (1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup>) letivas no câmpus Pelotas, do IFSul.

Em virtude da grande diversidade de leituras indicadas nos diários, acreditamos que uma pesquisa utilizando-os contribuirá para os estudos na área da Educação, da Leitura e do Letramento Literário na escola, uma vez que tal *corpus* traz registros dos protocolos de leitura tanto explícitos quanto os implícitos e oportuniza a análise dos modos de ler de um grupo de adolescentes representativos do jovem público leitor ainda em formação.

É possível entender que a educação escolar ajuda a construir, desde as séries iniciais, uma ampla rede de mediações nas práticas de leitura, as quais comportam os modos de ler, a seleção de textos, a legitimização (ou não) do cânone e os mais variados protocolos de leitura. Para Regina Zilberman (1990, p 15) a relação entre a formação de leitores e os currículos escolares tem dois objetivos: o estudo da língua e a afirmação da história oficial.

Consideramos pertinente o uso do diário, enquanto gênero textual, para estudarmos os modos de ler, bem como os protocolos de leitura implícitos e explícitos escolhidos pelos sujeitos-leitores, suas percepções literárias e suas relações com a leitura enquanto prática social na sociedade contemporânea. Dessa forma, é imprescindível promover pesquisas na área de formação de leitores a fim de acompanhar os protocolos de leitura escolhidos pelos adolescentes para que possamos compreender suas aproximações e afastamentos dos cânones, bem como suas preferências por novos autores tanto nacionais quanto internacionais.

Os Diários de Leitura produzidos pelos alunos do IFSul, câmpus Pelotas, ajudam a mapear as escolhas literárias dos adolescentes, revelando que existem variadas opções de leitura literária neste universo de jovens leitores, há o predomínio quase que absoluto da prosa sobre a poesia, uma vez que apenas uma aluna escolheu um livro de poesia para realização do Diário de Leitura, também destacamos a preferência por autores contemporâneos. O consumo por sequências (ou trilogias) se faz presente com um bom número de leitores e, por fim, destacamos a influência dos amigos na indicação de leituras.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRILLÓN. S. **O direito de ler e de escrever**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do gato, 2011.
- CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 1<sup>a</sup> Edição. São Paulo: Contexto, 2007.
- MACHADO, Anna Raquel. **Diários de leituras**: a construção de diferentes diálogos na sala de aula. Revista Eletrônica da USP, 2005. Acesso em março 2015. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37279/39999>>
- REYES, Y. **Ler e brincar, tecer e cantar**. Tradução Rodrigo Petronio. São Paulo: Pulo do gato, 2012.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e Pedagogia: ponto & contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- ZILBERMAN, Regina.(Org). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 11<sup>a</sup> edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.